

## OBSERVAÇÕES FILOSÓFICAS <sup>1</sup>

André Porto (UGF)<sup>2</sup>

[andre.s.porto@uol.com.br](mailto:andre.s.porto@uol.com.br)

LUDWIG WITTGENSTEIN. *OBSERVAÇÕES FILOSÓFICAS*. SÃO PAULO: EDIÇÕES LOYOLA, 2005. TRADUÇÃO (DO INGLÊS) POR ADAIL SOBRAL E MARIA STELA GONÇALVES.

Reza a “versão oficial” da história da filosofia, do final do século XIX para cá, que o ponto de separação entre as duas grandes tradições filosóficas do século XX – a tradição *analítica* e a *fenomenológica* – teria se dado após a publicação da resenha de (FREGE, 1997) à *Filosofia da Aritmética* de (HUSSERL, 2006). Daí em diante, segundo a versão normalmente aceita, essas duas tradições teriam tomado caminhos divergentes e até opostos. Tentativas (tímidas) de reaproximação só teriam começado a se dar no final do século XX.

De certa forma, o volume *Observações Filosóficas*, publicado em tradução brasileira em 2005 pela *Loyola*, desmente essa versão oficial. Nessa obra (e no *Big Typescript*), ambas do assim chamado “período intermediário” de Wittgenstein, encontramos o autor se aproximando de temas tradicionais da filosofia moderna tais como o *problema do Idealismo* e

---

<sup>1</sup> Recebida: 08.11.2010/Aprovada: 08.12.2010/Publicado on-line: 08/12/2010.

<sup>2</sup> André Porto é Professor-adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás.

do *Solipsismo*<sup>3</sup> e, mais surpreendente ainda, se aproximando de temas caros à fenomenologia de Husserl, como o problema da *temporalidade da experiência imediata*. Não exageremos a convergência. Para Wittgenstein, ainda se trata de “esclarecer a gramática” desses vários tipos de proposições e não de “descrever a estrutura da subjetividade imediata”, como em Husserl. Ainda assim, é difícil de não se perceber uma agenda de questões comuns entre, digamos, as famosas *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, de Husserl (HUSSERL, 1994), e os capítulos V e VI das *Observações Filosóficas*, de Wittgenstein.

Esse surpreendente envolvimento do filósofo com temas advindos do coração da *filosofia da consciência* parece, por vezes, ter produzido reações estranhas nos seguidores do autor do famoso argumento contra a linguagem privada. Até onde vai o conhecimento desse resenhista, o primeiro volume que se dedica diretamente à exegese desse material foi publicado apenas em 1995, por David Stern (STERN, 1995). E até os dias de hoje, não parece exagero dizer-se que o trabalho de análise mais aprofundada dessas ideias ainda se encontra em seus estágios iniciais<sup>4</sup>.

Até mesmo do ponto de vista de acesso bibliográfico, o trabalho dos comentadores estava, até há bem pouco tempo, dificultado. A publicação em inglês de *Philosophical Remarks* data 1975. Mas a obra fundamental do período intermediário, o monumental *Big Typescript*, só foi efetivada em 2005. Antes disso, tínhamos apenas o estranho pastiche

---

<sup>3</sup> Esses temas já tinham sido enunciados nos parágrafos 5.6 do *Tractatus*, mas é nesse período intermediário que eles recebem uma atenção não dividida por parte de Wittgenstein.

<sup>4</sup> Em nossa língua, temos o importante trabalho do professor Bento Prado Neto (PRADO NETO, 2003).

chamado de *Philosophical Grammar*.<sup>5</sup> Ora, naquela obra, apenas uma das duas partes (a parte II), trás textos extraídos do *Big Typescript*. O resto do material, incluindo temas como *Idealismo*, *Fenomenologia*, *Tempo da Memória*, foram deixados de lado. No lugar deles, encontramos uma reconstrução, feita por Rush Rhees, a partir de várias revisões diferentes de Wittgenstein do material do *Big Typescript*, algumas delas contemporâneas ao Livro Azul! (VON WRIGHT, 1982, p. 50; STERN, 1996). Além disso, o acesso aos outros numerosos manuscritos do período só foi viabilizado de forma mais geral a partir da publicação (em alemão) de (WITTGENSTEIN, 1999) e da Edição Berger (WITTGENSTEIN, 2000). Tem-se por vezes a impressão de que os executores do testamento de Wittgenstein hesitavam em tornar público esses embaraçosos envolvimentos de seu mestre com a famigerada filosofia da consciência<sup>6</sup>.

Passemos ao texto de Wittgenstein. As *Observações Filosóficas* são a reunião, um tanto apressada, dos resultados das pesquisas filosóficas do filósofo, de seu retorno a Cambridge em Janeiro de 1929, até Maio de 1930. Como nos informa Rhees, nessa última data o Conselho do *Trinity College* solicitou a Russell um parecer sobre os progressos de Wittgenstein, com vistas à renovação de sua bolsa de pesquisador (WITTGENSTEIN, 2005, p. 287). O texto das *Observações Filosóficas* é fundamentalmente uma reunião e organização do material filosófico constante de 4 cadernos manuscritos por Wittgenstein, os manuscritos 105 até 109 com vistas a esse parecer. No material original, não havia

---

<sup>5</sup> Traduzido em Português como (WITTGENSTEIN, 2003).

<sup>6</sup> Von Wright é taxativo em classificar esse material como sendo de “valor intrínseco menor” (VON WRIGHT G., 1984, p. 13)

nenhuma marcação de interrupção no texto. A organização atual em capítulos, e o sumário detalhado que encontramos no início da obra (WITTGENSTEIN, 2005, pp. 11-33) foram feitos por Rhees, mas já estão consagrados pela comunidade filosófica. De fato, eles ajudam muito a visão sinóptica da obra, tão cara a Wittgenstein<sup>7</sup>.

Em uma famosa carta a Schlick, Wittgenstein afirma que havia retornado a Cambridge e à pesquisa filosófica para “trabalhar sobre o espaço visual e outros assuntos”. (WAISMANN, 1979, p. 17) A observação nos dá uma chave para uma das linhas de desenvolvimento principais da obra. Como muito do que ocorre nesse período intermediário, as origens da preocupação de Wittgenstein com o espaço visual estão no *Tractatus*. Como sabemos, segundo aquela obra, por trás de nossas proposições ordinárias se esconderia uma intrincada forma lógica, complexas estruturas puramente verofuncionais de proposições elementares, não passíveis de ulterior análise. Essas proposições elementares, por sua vez, projetariam estados de coisas atômicos, eventos mínimos do espaço lógico tractariano.

Pois bem. Uma mutação filosófica importante que abre o período intermediário é a definição, por Wittgenstein, da natureza desses eventos mínimos, os estados de coisas.<sup>8</sup> Em 1929, esses eventos mínimos são claramente determinados como sendo fenômenos, ocorrências em nossos espaços sensoriais. Daí o interesse de Wittgenstein no espaço visual como espaço fenomênico por excelência. Dada essa mutação, o processo de análise preconizado pelo *Tractatus* trans-

---

<sup>7</sup> Uma divisão em capítulos e seções do *Big Typescript*, semelhante a das *Observações Filosóficas*, é feita diretamente por Wittgenstein.

<sup>8</sup> Ou a explicitação de uma definição que já estava implícita no *Tractatus*, segundo alguns autores.

forma-se então em descrição fenomênica. É isso que encontramos nos primeiros manuscritos de Wittgenstein na época (MS105 e 106) e no famoso artigo de Wittgenstein *Some Remarks on Logical Form* de Junho de 1929: o uso extensivo de coordenadas para empreender uma descrição fenomenológica com a “correta multiplicidade” e assim fornecer uma análise (ainda final) das proposições ordinárias. (WITTGENSTEIN, 1993, p. 31)

Rapidamente, a própria possibilidade de se postular uma análise assim é posta em dúvida por Wittgenstein. Ao invés de encontrarmos a *linguagem primária (fenomênica)* postulada por Wittgenstein como resultante da análise lógica das proposições ordinárias (chamada na época de *linguagem secundária*), essas duas linguagens ganham independência uma da outra. A linguagem primária mantém com a secundária apenas uma relação na *verificação*: os conteúdos da linguagem ordinária fisicalista (secundária), uma vez restringidos às suas implicações estritamente fenomênicas, dariam lugar a expressões da linguagem primária que, por sua vez, seria então verificada ou falseada pela experiência.

O projeto original de Wittgenstein tem uma série muito rápida de desdobramentos e alterações, no período. O problema das coordenadas desencadeia uma longa investigação, na filosofia da matemática, sobre os números irracionais e sobre a noção de *número* em geral. Por sua vez, o abandono da ideia de uma única *sintaxe lógica* em prol de uma multiplicidade de *gramáticas lógicas* independentes oferece a Wittgenstein uma nova maneira de tratar os problemas fundamentais da filosofia da consciência que mencionamos no início dessa resenha: o problema da subjetividade, da temporalidade, etc. O período intermediário é muito rico e de extraordinária importância para se aquila-

tar corretamente, não somente o período final, maduro, da filosofia de Wittgenstein, mas, como antecipamos, para lançar uma nova luz sobre as relações entre a filosofia analítica e fenomenológica no século XX.

Uma nota sobre a tradução brasileira. Infelizmente, como tantas vezes acontece em nosso país, a presente tradução deixa a desejar em muitos aspectos. Uma primeira deficiência decorre do fato dessa tradução ser indireta. Ao invés de usar o texto original, em alemão, empreendeu-se uma tradução da versão inglesa (WITTGENSTEIN, 1975). Ora, a tradução de 1975 não prima pela precisão, tanto na escolha dos termos equivalentes, mas até mesmo do trabalho editorial geral: há uma frase inteira do parágrafo 48 do original alemão que foi omitida, por descuido, na versão inglesa (a omissão foi repetida na versão brasileira).

As deficiências da tradução inglesa foram multiplicadas na brasileira. Tomemos como exemplo, os termos alemães *Bild* e *Vorstellung*. Na *Nota do tradutor do texto inglês para o português*, no final do volume (WITTGENSTEIN, *Observações Filosóficas*, 2005) os tradutores corretamente elegem a tradução de *Bild* por *afiguração* (proposta consagrada na tradução do *Tractatus* do professor Luiz Henrique dos Santos). Porém, em parte seguindo as opções de seus colegas ingleses, os tradutores brasileiros traduzem *Bild* algumas vezes por *imagens [figurações]*. A confusão atinge o clímax quando o termo *Vorstellung* também é traduzido por *imagem* e até mesmo por *imagens [figurações]*! Assim, por exemplo, temos o trecho:

Sabemos o que é uma imagem [figuração], mas as imagens [figurações], com certeza, não são nenhum tipo de imagem [figuração] (Sic) (WITTGENSTEIN, 2005, p. 66).

Uma tradução mais razoável poderia ser:

Sabemos o que é uma **figuração** [*Bild*], mas as **representações** [*Vorstellungen*], com certeza, não são nenhum tipo de **figuração** [*Bild*].<sup>9</sup>

## REFERÊNCIAS

FREGE, G. (1997). Review of E.G. Husserl 'Philosophie der Arithmetik'. In: M. BEANEY, *Frege Reader* (pp. 224-226). Oxford: Blackwell.

HUSSERL, E. (1994). *Lições para uma fenomenologia da Consciência Interna do Tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

HUSSERL, E. (2006). *Philosophy of Arithmetic*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

KENNY, A. (1976). From the Big Typescript to the Philosophical Grammar. In: G. H. VON WRIGHT, *Essays on Wittgenstein in honour of G. H. von Wright* (pp. 41-59). Amsterdam: North Holland.

PRADO NETO, B. (2003). *Fenomenologia em Wittgenstein: Tempo, Cor e Figuração*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

STERN, D. (1996). The availability of Wittgenstein's Philosophy. In: H. SLUGA, & D. STERN, *The Cambridge Companion to Wittgenstein* (pp. 442-76). Cambridge: Cambridge University Press.

STERN, D. (1995). *Wittgenstein on Meaning and Language*.

---

<sup>9</sup> Essa confusão tem início na tradução inglesa, que verte o termo *Bild* algumas vezes por *image* ao invés de *picture*.

Oxford: Oxford University Press.

VON WRIGHT, G. (1984). A Biographical Sketh. In: N. MALCOLM, *Ludwig Wittgenstein, a memoir* (pp. 3-20). Oxford: Oxford University Press.

VON WRIGHT, G. (1982). The Wittgenstein Papers. In: G. VON WRIGHT, *Wittgenstein* (pp. 35-62). Minneapolis: University of Minesota Press.

WAISMANN, F. (1979). *Wittgenstein and the Viena Circle*. Oxford: Basil Blackwell.

WITTGENSTEIN, L. (2003). *Gramática Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola.

\_\_\_\_\_. (2005). *Observações Filosóficas*. São Paulo: Edições Loyola.

WITTGENSTEIN, L. (1974). *Philosophical Grammar*. Oxford: Basil Blackwell.

WITTGENSTEIN, L. (1975). *Philosophical Remarks*. Oxford: Basil Blackwell.

WITTGENSTEIN, L. (1993). Some Remaks on Logical Form. In: L. WITTGENSTEIN, *Philosophical Occasions, 1912-1951* (pp. 28-36). Indianapolis: Hacket Publishing Company.

WITTGENSTEIN, L. (2005). *The Big Typescript*. Oxford: Basil Blackwell.

WITTGENSTEIN, L. (1994). *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Edusp.

WITTGENSTEIN, L. (1999). *Wiener Ausgabe Studien*



*Texte: Band 4: Bemerkungen zur Philosophie. Bemerkungen zur philosophischen Grammatik . Nova Iorque: Springer.*

WITTGENSTEIN, L. (2000). *Wittgenstein's Nachlass: The Berger Edition*. Oxford: Oxford University Press.